

A idéia de realizar um teleteatro foi uma decorrência lógica dentro do processo evolutivo da programação da televisão. Uma vez que esta transportava do rádio para o vídeo grande parte de seus programas, por que não levar também radioteatro já consagrado pelo público? Desde que se começara a falar no advento da televisão no Brasil, o teleteatro fora apontado como um dos atrativos que o novo meio de comunicação ofereceria a seus espectadores. Por outro lado, este gênero de programa era o que mais se aproximava dos sonhos cinematográficos dos cineastas em potencial do rádio, ansiosos por contar uma história com imagem e não apenas com o som. As raízes do teleteatro encontram-se em programas como Cinema em Casa, Grande Teatro Tupi e outros, mas sobretudo no primeiro, onde a influência do cinema era mais notória. O rádio e o cinema foram os responsáveis diretos pela paternidade do teatro na televisão; isto se torna mais evidente quando se verifica que a primeira peça encenada na TV brasileira foi a adaptação de um filme de grande sucesso na época, *A Vida por um Fio*. (6)

Tecnicamente o teleteatro era um desafio, e inúmeras dificuldades surgiram. Antes de partir para a encenação de uma peça de fôlego era necessário algum tempo de experiência, para que se tivesse um maior conhecimento e domínio do equipamento e seus recursos. Nesse período de aprendizagem os atores se habituaram a decorar textos mais longos e aprenderam a se locomover no estúdio em função das câmeras que os focalizavam.

De qualquer forma, o espaço de tempo compreendido entre a inauguração oficial da televisão e a encenação de *A Vida por um Fio* é relativamente pequeno: cerca de dois meses e meio (a adaptação foi para o ar em 29 de novembro de 1950). Antes dessa peça, o Teatro Walter Forster (que já existia na Rádio Difusora), composto de histórias curtas, sketches de caráter tipicamente romântico, e destinado ao público jovem feminino, tinha sido apresentado algumas vezes na televisão; os textos então transmitidos deveriam ser, possivelmente, adaptações daqueles que já haviam sido levados ao ar no próprio rádio.

Mas a iniciativa de encenar uma peça completa pela televisão pertence a Dermival Costa Lima e Cassiano Gabus Mendes.

Este último, além de traduzir e adaptar o texto, produziu e dirigiu o espetáculo, sendo também o diretor de TV. Para viver o "difícil papel" que na tela havia sido interpretado pela atriz Barbara Stanwick, foi escolhida a estrela principal dos radioteatros do Sumaré, Lia de Aguiar, "A Princesa das Associadas", que somava a seu favor o fato de já ter atuado no cinema. A encenação foi anunciada na ocasião como sendo "a primeira peça de vulto" de uma série que a PRF-3 TV Tupi deveria "proporcionar ao público paulistano". (7)

O trecho da *A Vida por um Fio* é bastante conhecido: uma mulher rica e casada sofre de paralisia e permanece encerrada no seu quarto, mantendo contacto com o resto do mundo unicamente através do telefone. Um dia, por acaso, ouve numa linha cruzada uma conversa entre dois homens que planejavam um assassinato. A ação da peça se baseia no esforço desesperado da mulher em avisar a polícia e outras pessoas, a fim de tentar impedir que o crime se realize. Seus esforços são baldados e, no desenrolar, descobre-se que a pessoa a ser assassinada é ela própria e que o mandante do crime era seu marido. O assassino estrangula a vítima com o próprio fio do telefone ao qual ela estivera agarrada até o último instante, pega o fone e o recoloca no gancho após dizer para a pessoa que ela estivera tentando chamar: "Desculpe, engano." (Foto 3)

O texto se prestava bastante a um primeiro teleteatro. O cenário era único, os interlocutores com que a personagem tentava se comunicar só apareciam através das vozes e o papel, de grande tensão e dramaticidade, se ajustava perfeitamente à personalidade de Lia de Aguiar, cujo nome era suficiente para despertar o interesse dos telespectadores e rádio-ouvintes.

O sucesso obtido com a transmissão de *A Vida por um Fio* levou Dermival Costa Lima e Cassiano Gabus Mendes a prosseguirem na tentativa da implantação de um teleteatro semanal, que seria levado ao ar às quintas-feiras. A fim de escreverem para esse teatro foram convidados entre outros, Walter George Durst, Walter Forster e Mário Fanucchi. Assim, nas semanas subsequentes, foram apresentadas as seguintes peças curtas: Charles Chaplin da Silva, direção de Walter George Durst (6.12.1950); Teatro Walter Forster (13.12.1950); *A Visita* de Cassiano Gabus Mendes, com Wilma Bentivegna e Dionísio Azevedo (20.12.1950) e *Xequemate*, direção de Mário Fanucchi, com Dionísio Azevedo, Heitor de Andrade e Yara Lins (27.12.1950).

No ano seguinte, a experiência com os pequenos teleteatros continuou, agora não só às quartas-feiras, mas também em outros dias da semana. Assim, em 4 de janeiro de 1951 foi levada ao ar a peça *Fillet Mignon*, escrita e produzida por Mário Fanucchi. Na semana seguinte, dia 11 de janeiro, Dionísio Azevedo produzia *O Preço da Inocência*, da qual participaram Heitor de Andrade, Lia de Aguiar e Geni Prado. Uma semana mais e Mário Fanucchi retornava, apresentando seu terceiro trabalho para o vídeo: *O Julgamento de Hipócrates*. Até o final do mês, houve mais duas telepeças: *Ingratidão*, produção de



(Foto 3) Foto da tela de um televisor durante a transmissão de *A Vida por um Fio* em 29 de novembro de 1950. TV Tupi — São Paulo. Foto/Arquivo de Lia de Aguiar

(6) Trata-se do filme *Sorry, Wrong Number*. Paramount, 1948, direção de Anatole Litvak. Esse filme era baseado num famoso programa de rádio escrito por Lucille Fletcher, levado ao ar pela CBS.

(7) *A Vida por um Fio* na TV, *Diário da Noite*, São Paulo, 29 de novembro de 1950, p. 3.